



Gessiliane Viana de Sousa*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar religiosidade privada, que organizam seu dia em prol de orações e preces, o Oratório ocupa lugar destaque e rege as orações das contemplativas, no interior da moradia do fiel sempre há a presença de algum símbolo divino, como um terço, quadro, imagem ou nicho de madeira envernizado para guardar os santos, e na parte externa como, por exemplo, uma bandeira indica o santo de preferência dos donos da casa. Os objetos são a extensão do devoto, eles aparecem como um fator cultural e de identidade, e também um lugar de memórias, que remetem a um espaço e tempo apropriado para exercer sua fé. Podemos concluir que tais objetos desempenham uma função fundamental na vida de um devoto, durante suas atividades diárias há um tempo dedicado às orações, a veneração aos santos protetor da casa, e da família. Por meio de entrevistas e leituras tendo como referencial teórico Laura de Mello, Eliade, Mott, Bosi entre outros é possível a construção deste texto.

Palavras-chave: Fé. Devotos. Cotidiano. Religiosidade.

ABSTRACT

This article aims to analyze private religiosity, which organizes its day in favor of prayers and prayers, the Oratory occupies a prominent place and governs the prayers of the contemplatives, inside the dwelling of the faithful there is always the presence of some divine symbol, Like a third, picture, picture or niche of varnished wood to guard the saints, and on the outside such as a flag indicates the saint of preference of the owners of the house. The objects are the extension of the devotee, they appear as a cultural and identity factor, and also a place of memories, which refer to an appropriate space and time to exercise their faith. We may conclude that such objects play a fundamental role in the life of a devotee, during his daily activities there is a time devoted to prayers, veneration to the saints protector of the house, and the family. Through interviews and readings with theoretical reference Laura de Mello, Eliade, Mott, Bosi among others, it is possible to construct this text.

Keywords: Faith. Devotees. Daily. Religiosidade.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo analisar os sentidos e os sentimentos atribuídos pelos devotos aos objetos sacros. O interesse pelo tema emergiu, porque desde criança observava minha avó materna realizar seus rituais diários em prol dos cultos aos seus santos, a forte lembrança da minha bisavó materna, também foi um presente muito difusa, carinhosamente chamada de “Mainha”, eu a via exercer essa relação aproximada com os oratórios, com um terço no pescoço e fazendo suas pequenas orações silenciosas pela casa,

*Graduada em Licenciatura Plena em História, Campus Possidônio Queiroz, UESPI-Oeiras. cursando Pós-Graduação Lato Sensu em Ensino e Pesquisa em História do Brasil no curso de Pós-graduação, pesquisa e extensão, Núcleo Oeiras -PI. E-mail: gessiliane1994@hotmail.com.



“vó Mainha” despertou forte influência em minha formação religiosa, pois sempre frequentei, a igreja sentindo através das rezas e orações uma sensação de proteção. Conviver em um ambiente imbuído de manifestações devocionais me inspirou. Assim como elas, outros fiéis oeirenses católicos exercem em uma religiosidade regada de fé e devoção, que direciona a existência de uma relação com a casa e o cotidiano.

Oeiras é uma cidade colonial, com ruas estreitas, casas e sobrados, foi a primeira capital do estado. A cidade se desenvolveu ao redor da Igreja da Matriz fundada com o nome de Nossa Senhora da Vitória, considerado o primeiro templo regular do Piauí. Portanto Oeiras, que tem o mesmo nome de Oeiras de Portugal recebe esse título em homenagem ao Marquês de Pombal, cidade que respira e transpira religiosidade católica, exercita atos de fé e devoção, principalmente nos festejos aos santos católicos, em que as devotas que analiso protagonizam sua fé no âmbito público, fazem da rua a extensão de sua casa, segundo o Damatta (1997, p. 8) a casa é o local que o indivíduo é protagonista, mas na rua ele é um anônimo. Mas por meio de rituais e crenças o sujeito se destaca, traja o luto do Bom do Jesus, São Francisco ou Divino Espírito Santo, o que fica visível a preferência religiosa de cada um.

O Brasil colonizado por portugueses e constituído pelas três matrizes étnicas, foi historicamente entrelaçado pelo sincretismo; Laura de Mello e Souza(1986), situa como no aspecto da religiosidade se construiu um tipo de catolicismo afetivo, e Oeiras guarda nos traços religiosos esse elemento que emergiu no período colonial e se perfazendo como quando girava-se entre a casa e a capela.

Mello e Souza (1986), demonstra que a religiosidade católica representada pelo culto aos santos, as capelas e o aspecto teatral das celebrações se apresentam como práticas que emergiram na colônia, em que somos herdeiros, é enfatizado também que os traços festivos ganham conotação religiosa em seus atos. Mas, ela também expõe críticas quando aborda a forma em que o clero se comportava na colônia, longe de uma fiscalização, pregava dogmas que nem sempre eram cumpridos, muitos fiéis diziam ser católicos, mas não sabiam *o Pai-Nosso*, somos fadados ao sincretismo, mas Cristo sempre foi e era destacado em crucifixos, imagens o que nos comprova que a religiosidade popular é afetiva, e o fiel mantém uma relação econômica religiosa com os santos de trocar confidências e pedidos, preces em troca de celebrações tais como novenas etc.

Segundo a Maria Isaura Pereira, no Brasil a população se diz em maioria católica, em Oeiras também se apresenta com essa autoafirmação, mas manifestações de outras religiões

também se faz presente, a autora deixa claro que existe dois catolicismos, o oficial e o popular. Há expressões na população aliadas às antigas tradições religiosas, como cita Thales Azevedo, é uma fé transmitida de geração em geração, assim como as devotas que estudo, em que as rezas e preces foram aprendidas com a mãe, Dona Teodora minha avó, que anteriormente aprendeu com sua mãe (Maria das Dores), assim também como as outras, que norteia sua vida em busca do sagrado.

1.1 À procura de significados...

Procurando primeiramente atribuir conceitos aos termos, venho em uma busca do significado sobre o sagrado e o porquê dessas senhoras católicas norteiam sua vida em prol de um ser maior denominado de sagrado. Então venho tentar definir o que é sagrado então? Mircea Eliade (1994) nos traduz ser o sagrado é algo que se relacione ao sobrenatural ao inexplicável, isso para o homem arcaico, logo para Igreja, o sagrado se apresenta como sendo algo ligado, assim sujeito religioso acredita que seja algo relacionado com o divino. O sagrado é passível do respeito e devoção espiritual.

A palavra vem do latim *sacrum*, que faz referência aos deuses ou algo relacionado aos mesmos. Segundo Eliade(1994), refere-se à área em torno de um templo. O termo santo provem de *sanctus*, denota que possui um caráter sagrado, venerado, inviolável, purificador e sobretudo respeitável.

Ora, conseguimos definir epistemologicamente o sentido da palavra, mas na pratica o sagrado, segundo entrevistas realizadas com algumas pessoas oeirenses, se definem como aquilo que se relaciona com Deus, e no seio de sua moradia encontra-se diversos objetos titulados sagrados e ganha essa conotação por inúmeros motivos, um deles porque foi possuem uma memória relacionado a lugares, pessoas e acontecimentos, por exemplo, muitos devotos costumam buscar em outra cidade, como em Canindé, em época de romaria uma imagem, um crucifixo ou fita e ao ser benzida pelo padre, torna-se sagrada. Entretanto tal objeto ocupa no espaço da casa um lugar de destaque, pois pode está situado na sala ao alcance da ótica de qualquer visitante, ou no quarto, onde estar o dono da casa, quando realiza as orações matinais e noturnas; ou como simbólica, uma vez que é um objeto de proteção e benção para a casa, venerado e respeitado.

Segundo Eliade (1994) “Os objetos ou atos adquirem um valor, e ao fazer isso, tornam-se reais, porque participam, de uma forma ou outra, de uma realidade que transcende”, e também nos diz que o devoto procura viver no tempo sagrado, que é um tempo organizado, conciso, e o homem religioso vive bem nesse tempo sagrado, pois o tempo profano é um caos, é uma desordem. Podemos ver inclusive que orientam sua vida em um calendário religioso, que seguem os meses de acordo com os festejos santos e os dias em convênio com o dia de cada santo, de janeiro a dezembro, cada mês, cada festejos, tem seu ritual e seu traje adequado, é um ritual que “amarra todos os pontos”, para o momento auge que no caso a celebração, segundo Eliade:

[...] Mas o símbolo, o mito e o ritual expressam, em plano diverso, e com os meios que lhes são apropriados, um complexo sistema de afirmações concretas sobre a realidade final das coisas, um sistema que pode ser visto como aquele que constitui a metafísica. No entanto é essencial que compreendamos o profundo significado de todos esses símbolos, mitos e rituais, para podermos traduzi-los para a nossa linguagem habitual. (ELIADE, 1992, p.17).

A História Oral nos possibilita estar diante da experiência transformada em pessoa, e procurar dali extrair suas memórias e crenças, não é fácil, mas é emocionante quando uma senhora de mais de 80 anos, me diz que desde de criança reza o terço, que sempre viu um Oratório na sala de sua casa, rodeado de flores e abarrotado de santos, a partir daí vejo meu próprio espelho daqui há uns anos, me identifico, me emociono a cada palavra, o que não poderia me fazer pensar em escolher outra metodologia, pois com certeza nenhuma outra me deixaria ter uma experiência Histórica, antropológica e teológica como essa. Não contive as lágrimas ao ver aquelas mãos enrugadas devido aos anos, acariciar o Oratório e dizer: “É uma lembrança da minha mãe, é como ver ela, ainda tem seu cheiro, lembra ao seu cheiro.”¹, logo percebo os objetos como sacros possuem um lugar afetivo nessa memória, de representação, em que o fiel se vê representado ali. A Ecléa Bosi nos diz que:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo (BOSI, 2003, p.31).

¹ Entrevista realizada com Dona Teodora Remijo de Sousa, em setembro de 2015, na cidade de Oeiras Piauí.

Percebendo na memória as experiências de vida de seis devotos: Teodora Remijo de Sousa, Maria Geovana Teixeira Pereira, Maria de Lourdes Lima de Souza, Maria Hosana Ferreira do Nascimento, Antônio Augusta de Sousa, Isabel Pereira de Sousa, que possuem artefatos religiosos no domínio de sua casa, ou que matem uma relação com o mesmo no coletivo, ou seja, em uma igreja. A História Oral me proporcionara a possibilidade de estar diante do devoto e assim ver como se dá sua atuação com o sagrado e o profano.

1.2. Aos objetos, suas funções na vida de quem os contempla

A religiosidade exercida no âmbito privado, em que o homem religioso cultua seus santos e vive em torno de um Oratório, é preocupante para a Instituição hierarquizada da Igreja, desconfia das manifestações de devoção pessoal, consideradas excessivos e de consequentes riscos de venturíssimo espiritual do Iluminismo, segundo Lebrun(2009), logo vejo a necessidade de ir à Igreja, e mostrar sua presença na comunidade, e também por que o quão importante são as missas aos domingo, “(...) acho a igreja muito importante, coisa de Deus. Sou da lei católica, assisto a missa, na igreja ou pelo rádio. Meu divertimento é a missa, nunca fui de festa. E eu me confesso ano em ano, mas vou sempre para a missa para receber a hóstia sagrada. Quando vou para missa, já levo a reza da confissão, só para receber a comunhão”.²

O calendário que o homem religioso segue é um “calendário sagrado”, em que cada dia e mês, há uma comemoração de Janeiro a Dezembro, há os dias de cada santo, em que cada um tem seu próprio ritual, não conto as vezes que via minha avó e a comunidade acender vela nas portas e janelas para Nossa Senhora da Candeia em 2 Faveiro, também conhecida como Nossa Senhora da Luz, logo a vela simboliza seu nome, cito tal exemplo para demonstrar que cada dia há um santo cultuado, e que essa datas norteiam a vida dessa senhoras, pois é estável estar no tempo sagrado, pois é organizado e conciso, já o profano é um caos. Como cita a Bosi “O homem religioso procura criar um mundo acolhedor e sagrado entre as paredes que o isolam do mundo alienado e hostil de fora” (BOSI, 2003, p 25).

² Entrevista realizada com Dona Antônio Augusta de Sousa, em setembro de 2015, na cidade de Oeiras Piauí.

Inclusive o traje é de acordo com cada celebração, o traje que se veste na celebração de janeiro na missa de confraternização é o branco para simbolizar paz e o ano virgem quem entra, o luto roxo para o Bom Jesus ou o preto para a morte de Jesus, na semana santa, vermelho e branco do Divino Espírito Santo, o Marrou em outubro para São Francisco, e muitas das promessas duram um ano no luto, dependendo da promessa.

O texto do Luiz Mott (1997), intitulado “Cotidiano e a Vivencia religiosa: entre a capela e o calundu”, o autor demonstra que o cristianismo herdando do judaísmo, os caminhos que o fiel deveria percorrer para conseguir o reino dos céus, e a perfeição espiritual, daí fica simples compreender o porquê que cada homem religioso vivencia seu cotidiano em torno do sagrado. Ele apresenta que no quarto do fiel sempre há a presença de algum signo divino, como um terço, quadro, imagem ou nicho de madeira envernizado para guardar os santos. E essa prática é realizada por Hosana tanto no âmbito de sua casa, como no trabalho que é um lugar público, mas também se transverte de privado quando ela realizada seu ritual próprio de fé para com suas imagens. O folheto com imagem de Nossa senhora da Vitoria na janela liga o privado e o público, o sagrado e o profano, a devoção e a demonstração da confiança.

Mott (1997) nos ajuda a entender que o devoto segue caminhos para alcançar a salvação, seja o exercício individual quando faz atos de piedade e comunicação mística com Deus, ou nas práticas comunitárias dos sacramentos e cerimônias. A oração é um ato de reverencia a Deus, em que os indivíduos recorrem para o remédio de suas aflições. A casa é um local privilegiado para pôr em prática a religiosidade, uma bandeira do santo protetor da família, imagens, quadros, amuletos no interior da casa sempre denuncia a preferência do fiel. As imagens são tratadas com adulação, donzelas e anciãs fazem vestidos e adornos para as imagens, como Nossa Senhora Virgem Maria.

O culto a imagens dá-se desde da Idade Média período este em que o Cristianismo detinha grande influência sobre a mente e o comportamento dos fiéis. Os devotos medievos viam nas imagens esculpidas, pintadas ou retratadas num vitral um intermediário de Deus, em que, pode-se expor todas as suas angustias e medos, como também seus agradecimentos.

Queiroz (1973) nos diz que o catolicismo se apresenta de duas maneiras no Brasil: o Catolicismo oficial e um catolicismo popular, esse último se configurou devido a forma de como a religião foi aqui implantada, Laura de Mello de Sousa o chama de “imperfeito”, Maria Isaura Queiroz o dá uma característica de “rustico” devido já ser praticado dessa forma pelos portugueses e também a falta de sacerdotes. E o culto aos santos torna-se o apoio desse

catolicismo popular. O Piauí um estado situado no nordeste, em que passa por períodos de estiagem, e o homem nordestino se apoia em padroeiros religiosos perante os momentos de dificuldade, estabelecendo assim uma relação de confiança e troca. Lebrun relata a posição dos santos em relação ao devoto, que hora é terapeuta e hora é protetor. A cada santo sempre foram atribuídas funções, como Santo Antônio que se atribui para casamentos, Nossa Senhora do Ô para os partos, Nossa Senhora do Leite para ajudar a recém parida na amamentação da prole entre outros, e o devoto e santo possuem funções a serem seguidas, em troca da realização da prece, o santo é tratado com zelo e apreço, mas caso a prece não seja realizada o santo sofre castigos.

A relação entre santo e devoto é de reciprocidade, ou melhor, de: dou a fim de receber alguma coisa em troca. Para ter sucesso na vida, o indivíduo precisa conhecer como o santo gosta de ser tratado, quais suas preferências rituais, quais as coisas que detesta. Em contrapartida, o fiel espera a reciprocidade que não poderá deixar de vir, sob a forma de graça concedida. Caso Contrário, tomar providências para “obrigar” o santo ao que deve... (QUEIROZ, 1973, p.113).

Dona Teodora diz que quando residia na zona rural de Oeiras, de novembro em diante roubava São José para pedir chuva, só devolvia em março ou abril, e a crença se dava em que era bom roubar de quem brigasse muito. Pegava-se o santo e ia rezar na lagoa, pois a mesma estava seca, muitas vezes as católicas voltavam para casa com a pedida chuva.

A que imagem reina no altar é a concretização da pessoa do santo, em que tem desejos e caprichos, atuar mediante a imagem é o mesmo que estar diante do mesmo, o santo é ao mesmo tempo natural e sobrenatural, natural por estar modelada em argila ou talhada em madeira, ser palpável, e sobrenatural pela sua essência, pelo o que ela transmite, pelo poder a ela atribuída, segundo Maria Isaura. As imagens sempre com um olhar terno e profundo, é como se ouvisse as lamentações dos fies. Para o homem religioso a imagem é utilizada como meio de doutrinação, estímulo a meditação, objeto de culto e contemplação. Peter Burke (2004) cita as “imagens votivas” em que fieis fazem para cumprir uma promessa a um santo. E assim designam o padroeiro que norteia sua vivência.

A Sandra Jatahy (2008), nos revela que a cultura é uma forma de expressão e tradução da realidade, que podemos ver que se traduz em formas simbólicas, em que por exemplo o fiel atribui sentidos as coisas, ações, objetos que acarretam uma apreciação valorativa. O real se apresenta nas sensibilidades e nos sentimentos, as imagens são dotadas de um poder magico de fazer o homem religioso acreditar na verdade simbólica, e tornar real, em que eles vivam no mundo das representações.

Ela nos apresenta a forma integradora da vida social do indivíduo, bem nítido em expressões de normas e discursos, imagens e ritos, instituições e representações, em que faz com que o religioso viva nela e por ela. São matrizes geradoras e condutoras das práticas sociais, emanada de força coesiva que dão sentido ao real. O indivíduo ou grupo atribui sentido ao mundo por meio das representações, que revela a realidade, seja a representação imagética em que o fiel direciona seu dia.

No interior da moradia apresenta que no quarto do fiel sempre há a presença de algum signo divino, como um terço, quadro, imagem ou nicho de madeira envernizado para guardar os santos, e na parte externa como, por exemplo, uma bandeira indica o santo de preferência dos donos da casa. Inclusive nos nomes dos filhos carrega uma homenagem ao padroeiro.

Objetos sagrados. Residência de Teodora Remijo de Sousa. 2015.Oeiras Piauí.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

Tal imagem representa a postura que a devota assume, coloca no alto da parede na sala de entrada, o quadro com imagem da Bíblia, com um grifo ao centro que diz: “O senhor é meu pastor, e nada me faltará”, é uma passagem bíblica em que Teodora diz ser o “lema” de sua vida, pois segundo a mesma, confia sua vida nas mãos de Deus, quando jovem contraiu

tuberculose em uma época em que não teve acesso a cuidados clínicos, chegou inclusive ir para a cama com uma vela na mão e o padre da comunidade e dar sua extrema unção, mas para Teodora foram os dias de novena que sua comadres realizaram que possibilitou sua cura, não por completo como diz ela, mas quando “Compadre Jorge, vendeu a vaca para mim trazer para Oeiras, eu já tinha me apegado com meus santos, eles me salvaram”³.

O crucifixo com Jesus na cruz que simbolizada a piedade pela morte do filho do Deus, um escapulário que geralmente usado no pescoço, segundo o vigário Sennely, por volta de 1700 toda devoção dos humildes que não sabem ler limita-se a rezar o terço, tal devoção também pode-se traduzir no uso do escapulário, chamado de “habito da virgem”. (LEBRUN, 2009). Vemos ainda as “folhas de santos”, que colocada na parede ou armário, é a imagem do santo, rodeado de relatos de sua vida e uma oração que se deva dizer regularmente (LEBRUN, 2009, p. 103), entre o quadro e o crucifixo vemos uma dessas folhas de santos com imagem de N^a S^a da Vitória, mas somente com uma oração na parte de trás da folha. O Lebrun diz que o misticismo é uma forma elevada de espiritualidade, refere-se às relações do homem religioso com Deus no que tem de mais pessoal e íntimo.

Dona Isabel, é uma devota que possui muitos terços em sua casa, não sai para a rua sem presença de um desses artefatos consigo, utiliza a artimanha de colocar um em cada roupa, para correr o risco de não esquecer, ela diz: “ E também coloco os terços no bolso das saias, por que quando vou vestir as roupas, o terço já está lá, ai como posso esquecer, agora cada roupa tem um, nunca saio de casa sem meu terço”⁴, tal ato demonstra que o fiel sai ao público com signos do privado, e que ele procura viver em um tempo sagrado, onde o profano é superado, assim como Isabel que procura levar o seu objeto de apreço sempre consigo para os lugares que transita, Teodora em suas vestimentas possui uma medalhinha com imagem de Jesus, fixo por um broche, e quando sai a rua como na Semana Santa, a coloca pelo lado de dentro da roupa para evitar a perda de tal objeto. Ecléa Bosi relata na velhice desejamos que o conjunto de objetos que nos rodeiam continue imóvel. Segundo a autora tais objetos dão um assentimento a nossa posição no mundo, a nossa identidade, e quando mais voltada para o cotidiano do homem religioso mais expressivo são os objetos (2003, p 26).

As depoentes a maioria nasceram na zona rural de Oeiras, e os pais eram analfabetos, aprendiam as orações por que ouviam de seus pais, nas paróquias e para tanto os ritmos

³ Entrevista realizada com Dona Teodora Remijo de Sousa, em setembro de 2015, na cidade de Oeiras Piauí.

⁴ Entrevista realizada com Dona Isabel Pereira Sousa, em outubro de 2015, na cidade de Oeiras Piauí.

litúrgicos eram cantado de forma simples com refrãos rimados para facilitar o aprendizado, assim podemos observar que a fé é transmitida de geração a geração por uma espécie de inércia conservadora (QUEIROZ,1973) .Os objetos ficam na família como um patrimônio de importante valor, não econômico, mas afetivo que o fiel só se desfaz se for por muita dor, esses objetos passam a ser *Objetos Biográficos* (BOSI, 2003, p.27), eles envelhecem com o homem religioso e incorporam-se a sua vida.

Hosana em sua residência possui objetos titulados por ela como sagrado, que são herdados da sua bisavó, o que nos dá mais de século de existência, no seu depoimento ela diz que já procurou fazer as contas, há objetos do século XIX, e estão na família como um patrimônio material de valor sentimental, e tais objetos é de natureza espiritual.

Qual a imagem mais antiga que tem aqui?

Hosana: é o menino Jesus, que era da minha avó, então podemos contar uns cem anos ou mais.

E desde de quando os possui ?

Hosana: eu desde 1890.. haa 1800 e pouco, uma vez fiz os cálculos, por que vem desde da minha bisavó, então muito se perdeu, mas o habito de cultuar as imagem é de muito tempo.

Hoje elas estão no poder da senhora? Que eram de sua mãe, então você herdou?

Hosana: sim, sim, pois minha mãe que herdou da mãe dela, que herdou da mãe também, então coisas da minha bisavó. Pois a mãe da minha mãe, minha bisavó.⁵

Todo objeto possui nome, e tudo fala, a casa onde se desenvolve uma criança é povoada de coisas preciosas que não tem preço. (BOSI, p.27). Os objetos são veículos de memória, a morte recente da mãe de Dona Hosana, faz com que ela deixe sua casa ornamentada como nos tempos em que ela era viva, pode-se ver a presença materna em cada objeto, e o fiel se reconhece, é um vínculo que a faz sentir tanto a presença do sagrado, quando torna sua moradia um lugar santo, como também serve para preencher o vazio da ausência de sua mãe. Faz parte da devoção popular, de se apegar a signos para dar sentido a vida.

Podemos afirmar que o termo devoção é popular e adquiriu, ao longo da História, certa conotação pejorativa, desenvolvida principalmente no período da Crisandade Colonial, que

⁵ Entrevista realizada com Dona Maria Hosana do Nascimento, em novembro de 2015, na cidade de Oeiras Piauí.

por questões de poder, tinha interesse em desqualificar as manifestações religiosas populares, mantendo assim o controle sobre os fiéis. Após o Concílio Vaticano houve uma tentativa de substituição do termo particular “devoção” ou “devoção popular” pelo termo genérico “religiosidade popular” (PEREIRA, 2003, p.71).

Cultuar santos e objetos ao longo da vida faz com que essas senhoras norteiem sua existência, é uma tradição familiar em que o santo ou objeto que era da mãe passe agora para a filha, e fique na família como uma herança.

3 OS ORATÓRIOS COMO EXERCÍCIO DE FÉ E DEVOÇÃO NA CAPITAL DA FÉ

O Gilberto Freyre (2005) em “Casa Grande e Senzala” nos diz que o catolicismo afetivo era desenvolvido no âmbito da colônia, um “catolicismo de família”, em que o capelão era subordinado ao pater famílias, girava em torno do triangulo Casa Grande-Senzala-Capela, e somente em 1707 é que a Constituição Primeira do arcebispado da Bahia aparece na colônia representando a legislação eclesiásticas. Até então sabemos que o sincretismo que a Laura de Mello e Souza nos diz já está enraizado. O número de vigários era restrito, visitava tal comunidade as vezes uma vez por ano, tal habito perdurou até nossos dias.

Residentes na zona rural de Oeiras, tendo que se ocupar com o meio de sobrevivência que era o plantio e colheita, se deslocar para a cidade para exercer sua religião católica era muito custoso, ai surge um dos elemento de grande importância e que faz parte da pesquisa: os *Oratórios*, um artefato que é introduzido no ambiente doméstico e no dia a dia dos devotos, algumas de suas características formais com ênfase aos elementos iconográficos ou imagens religiosas, que se proferem como sua própria estrutura. Existem oratórios de formato variados, os mais comuns lembram uma capela com formas geométricas semelhantes a uma igreja, varia muito, mas o foco aqui é mostrar o que esse objeto (oratório) possui em interior e qual seu significado para as famílias que os possuem. A função dos Oratórios domésticos para com os devotos são: um lugar sagrado ali em sua casa que serve para orações, celebrações de novenas e missas e culto as imagens ou/e objetos que ali estão. Os oratórios são como um altar colocado sobre a altura elevada ao chão, como em uma mesa com toalhas bem decoradas e bem feitas, enfeitando com flores, frutos, ramos de folhas, fitas entre outros objetos que

simbolizam algo para o devoto, os santos representam um dos componentes mais importante do altar, a mesa geralmente possui gavetas para guardar alguns artefatos usados nas celebrações como velas, incensos, água benta, sinos, castiçais entre outros e um painel atrás ou na parede dependendo do local do domicílio em que esteja situado, era como se fosse um armário possuindo gavetas que guardava os acessórios necessários as celebrações eucarísticas.

O Mott menciona que era tão comum a tradição de oratórios no nordeste brasileiro, que desenvolve-se uma indústria de pequenos artefatos de um ou dois palmos de altura, pois funcionavam como uma espécie de relicário, onde conservava-se relíquias, tais como ossos de santos, fitas, ramos, fotos, crucifixo, água benta etc. e tais objetos eram abençoados pelo vigário ou missionário nas visitas residenciais (MOTT, 1997, p.167).

O produto bruto da natureza, o objeto modelado pela indústria do homem, adquiriu sua realidade, sua identidade, mas apenas até o limite de sua participação uma realidade transcendental. (ELIADE, 2012, p.18). O gesto direcionado a eles é revestido de significado, realidade unicamente até o ponto em que repete um ato primordial.

Mas houve um período da História que era proibido possuir esses altares em casa pois a Igreja alegava que era profano celebrar missa em casa, as missas deveriam ser celebradas nas igrejas, mas a Igreja Católica desde da Contra Reforma consegue por meio de uma flexibilidade manter e atrair seus fiéis, pôde então possuir tal artefato, mas os altares domésticos tinham que estar em um local reservado para ele na casa, não podendo outra atividade ser desenvolvida naquele local. Seguindo certas determinações de ordem canônica, separando-o das demais dependência da casa e ornamentação nos quartos as cores usadas pela igreja:

Á existência de oratórios em funcionamento como altares, faz-se esclarecedor certa ocorrência das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (Livro 2º, título IV, § 338) quando recomenda, em título sobre “em que tempo, hora, e lugar se deve dizer missa(...), que os oratórios não estando [aprovados] pelo Ordinário, não se celebre [neles].” Lê-se também que “é mais conveniente não celebrar, do que dizer missa em lugar não sagrado, e destinado pela Igreja para este santo sacrifício”, logo a seguir, alteram-se, quase com as mesmas palavras, as proibições de celebrar no recinto doméstico, sem a devida visita e aprovação (VIDE, 1853: 137).

Compreendamos que a posse desse artefato serve para o fiel demonstrar sua fé, o oratório mais antigo que encontrei é o de Dona Teodora que foi mandado construir por sua mãe, mediante uma promessa, Maria das Dores teve sua filha em 1932, mas não conseguia engravidar novamente, tanto que Teodora é filha única, em 1950 mandou confeccionar o artefato, e a gravidez veio em 1952, mas a criança contraiu uma pneumonia e veio a óbito. Mas analisaremos os resultados, a construção do artefato veio mediante a realização de uma prece, que foi atendida. E era protagonista nas celebrações de novena em homenagem a N^a S^a das Dores no período de 12 a 20 de setembro.

Quando indago as depoentes sobre importância do oratório é unânime representação que eles possuem quanto um refúgio para as orações e local que resguardo dos santos, é também um lugar de destaque na casa e na vida dessas senhoras. Inclusive para Dona Maria Geovana o oratório serviu como um lugar de memória para seu pai se reconhecer enquanto morador daquela casa, pois depois de um AVC (Acidente Vascular Cerebral), perdeu parte da lucidez e o artefato foi utilizado para seu pai recuperar sua identidade, na entrevista ela cita:“(...)inclusive agora papai ele deu derrame (AVC), e ficou assim... sem saber onde era a casa dele, querendo sair, ai uma das noites a gente abriu o oratório, acendeu a luz, e ai foi que ele viu que aqui é a casa dele. Ele reconheceu ...”⁶.

Oratório. Residência de Dona Maria Geovana. 2015- Oeiras Piauí



Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

O oratório que pertence a Dona Maria é da década de 1970, foi confeccionado em tamanho que comportasse a quantidade de santos, pois segundo ela havia muitos santos pela

⁶ Entrevista realizada com Dona Maria Geovana Teixeira Pereira, em outubro de 2015, na cidade de Oeiras Piauí.

casa, então foi decidido construir um oratório para guardar as imagens, e também para ter um lugar reservado para as novenas. Essa foto foi feita em maio de 2015 no dia do aniversário de seu pai de 99 anos, em meio aos parabéns estava o Oratório dividindo atenções com o aniversariante, com luzes acesas, inclusive os LED em Padre Cicero são de saltam aos olhos.

O Eliade (1992) utiliza a expressão *GanzAndere* que significa que a linguagem apenas sugere tudo que ultrapassa a experiência natural do homem, mediante a experiência natural, ou seja, ele foca em dizer que o homem religioso tem contato com o sobrenatural, que sua fé, o faz transgredir a outro plano, o místico, em que entra em contato com sagrado. Pois o sagrado se manifesta sempre como uma realidade diferente da realidade “natural”, o sagrado opõe ao profano, o homem só toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta e se expõe distinto do profano. A Hierofania que é saber que algo de sacro se revela, exemplo a manifestação do sagrado em uma pedra, árvore, amuleto, que dizer que nesses objetos o sagrado se manifestou. Outro exemplo de hierofania suprema que o Eliade apresenta é a encarnação de Deus em Jesus Cristo. O homem religioso possui o desejo de fazer com que dos sinais algo objetivo, e não viver no subjetivo, viver em um mundo real e eficiente. Ele deseja viver em um mundo santificado, por isso que adorna seu lar, com sacralidade, para viver nesse cosmo.

É nesse tempo e espaço sagrado, que o homem religioso vive, assim como Dona Maria, Dona Antônia possui um oratório como um protagonista da casa, mas não fica na sala, local escolhido por Antônia é o quarto, pois é o lugar que passa a maior parte do seu dia, mas é colocado para fora quando sua casa é local de rezas dos terços.

Dona Hosana herdou o oratório de sua mãe, é da década de 1990, em vidro, possuía um de madeira mas se desgastou devido ao tempo e os roedores, localiza-se no quarto, mas na sala possui mesas com imagens, fitas, terços, velas e a bíblia que desempenha a função de altar. O quarto é o íntimo do dono da moradia, lá o objeto torna a ser a primeira e última imagem que o fiel vê.

CONCLUSÃO:

Podemos concluir que tais objetos desempenham uma função fundamental na vida das depoentes, elas já de idade avançada, dedicam suas horas a exercício da fé, somente Dona Hosana ainda trabalha em um emprego formal, as outras são donas do lar, dedicam seus dias a cuidar da casa, marido e netos, porém durante suas atividades há um tempo dedicado as orações, a veneração aos santos protetor da casa, e da família, Dona Lurdes no alto da parede em cima da porta de entrada, de sua residência há um quadro com a imagem do coração de Jesus, segundo ela é para proteger a casa, aprendeu com sua mãe, que onde tem o coração de Jesus o mal não entra, o lar fica abençoado.

Dona Isabel possui um oratório em seu quarto, ela diz que mora com uma neta pequena, e no quarto ele fica protegido, mas os quadros na parede e as imagens em cima da mesa denuncia a preferência do fiel, como artimanha já das devotas são colocadas bem na entrada, que logo o visitante sabe em que casa está entrando.

São símbolos que demonstram um reconhecimento de uma determinada situação no cosmo, e que implica uma posição metafísica. O objeto surge como um receptáculo de uma força exterior que o diferencia de seu próprio meio e lhe dar significado e valor. (ELIADE, p.18).

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michel. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BRANDÃO, T. M. P. A Religiosidade no Piauí Colônia: catolicismo adaptado ao modo de vida. **Revista CLIO**, série História do Nordeste, n. 22. p. 249-260, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24821/20094>>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2003.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem: tradução Vera Maria Xavier do Santos; revisão técnica Daniel Arão Reis Filhos**. São Paulo: EDUSC, 2004.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua**: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary. Ritos da Vida Privada. In. MELLO E SOUSA, Laura; NOVAIS, Fernando A. (Org.). **História da vida privada no Brasil**: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução: Sonia Cristina Tamer. São Paulo. Martins Fontes, 1991.

ELIADE, M. **Mito do Eterno Retorno**. Tradução: José A. Ceschin: São Paulo. Mercuryo, 1992.

ELIADE, M. **Mito e Realidade**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva S.A, 1994.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala**: formação da família sob regime da economia patriarcal. São Paulo. Globo, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**: A Religião como Sistema Cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LEBRUN, François. As reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal. In. **História da Vida Privada 3**: da Renascença ao Século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In. MELLO E SOUSA, Laura; NOVAIS, Fernando A. (Org.). **História da vida privada no Brasil**: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. v. 5, n.10, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O catolicismo rústico no Brasil. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. da USP, 1973.

SOUZA, Laura de Mello. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçarias e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.